

Próteses:

uma nova chance para animais que não conseguem andar

Projeto beneficente fabrica e doa cadeirinhas de rodas em Goiânia; animais especiais têm adoção mais difícil

Divulgação/Reciclando



POR

GEOVANNA VERÔNICA e PEDRO LEITE

Reciclando Patas. Esse é o nome do projeto que nasceu no final de 2016, quando o seu idealizador, o servidor público André Gondim, com seu coração solidário, começou a mudar a vida de animais e tutores em Goiânia.

André viu, em uma rede social, uma protetora pedindo ajuda para comprar uma cadeirinha de rodas para uma cadelinha atropelada, e, ao saber o preço do produto, resolveu, ele mesmo, fazer a cadeirinha.

Na virada de 2017, André decidiu que faria mais cinco cadeirinhas por mês e que elas seriam doadas. Em um mês, porém, não foram apenas cinco, mas 31 pedidos; e, todos, atendidos. “Em três anos, atendemos exatamente

te 989 animais. Nosso desafio, agora, é atender outros 600 pedidos, mas ainda precisamos de ajuda na mão de obra, afirma.

O projeto – que ficou nacionalmente conhecido durante participação no quadro The Wall, do programa Caldeirão do Huck, exibido pela Rede Globo **(foto)** – consultou veterinários para saber como os animais se adaptam às próteses. A adaptação, assim como nos humanos, deve ocorrer desde o processo cirúrgico, com a amputação, e o preparo cirúrgico do membro residual (coto), além de fisioterapia e exercícios controlados.

A introdução da prótese é lenta e gradual, iniciando com uma hora por dia. A função da prótese é mimetizar a porção amputada do membro minimizando as chances de o animal ter alterações posturais e machucados na base do seu coto, dentre outras comorbidades.

Em todo esse processo, as inquietudes dos animais são normais, por isso são necessárias avaliações periódicas para avaliar tanto a prótese quanto o animal. Com o passar do tempo e com os ajustes na prótese, o animal vai se adequando, daí o fato de a dessensibilização do coto e a fisioterapia serem tão importantes.



Animais com deficiência encontram dificuldades no processo de adoção

Projetos como o Reciclando Patas e outros, semelhantes, são mais do que necessários, pois as próteses são, em geral, caras e, quando doadas, elas chegam a animais necessitados, proporcionando-lhes uma nova possibilidade de viver uma vida normal.

Lívia Denise Passos, uma das responsáveis pelo Abrigo dos Animais Refugados, conta que, no local, alguns cães que não se locomovem e outros, com AVC (Acidente Vascular Cerebral), precisam de banhos recorrentes, fraldas e tapetes higiênicos para o seu bem-estar.

Quando perguntamos se há dificuldade na adoção desses animais, a resposta é positiva, infelizmente. “As pessoas vêem dificuldades porque eles não andam”, afirma, citando, como exemplo, uma cadelinha cega, que encontra-se no abrigo desde filhote e nunca foi adotada por causa da necessidade especial. “Um único caso que deu certo foi de uma voluntária que adotou um cachorro atropelado que ficou

sem andar. Já tem três meses que eles estão juntos, mas nenhum dos outros teve a mesma sorte”, lamenta Lívia.

“Geralmente eles ficam em lugares com piso, pois, ao se arrastarem em lugares de terra, eles acabam se ferindo”, acrescenta Bruna Teixeira, voluntária do Santuário São Francisco de Assis. Segundo ela, o acompanhamento com médico veterinário é quase sempre necessário, principalmente quando os animais estão em tratamento. Muitas vezes, porém, o abrigo não tem condições de arcar com os custos e acaba prevalecendo a experiência que os próprios voluntários e protetores tiveram nos cuidados com outros animais.

“Ninguém quer adotar um bicho que dá trabalho e gera custos, como fraldas e tapete higiênico, acompanhamento com veterinário ... A maioria das pessoas não quer ter gastos. Nem trabalho”, arremata Bruna.

Para ajudar, de alguma forma, a ONG Reciclando Patas, ligue (62) 9 9312-1350.